

Resenha sobre o livro The Apocryphal Acts of Thomas - Jan N. Bremmer (Ed).

Barduzzi Rodrigues da Costa

Doutor em teologia pelo instituto Vineyard

joebarduzzi@yahoo.com.br

Resumo

Esse trabalho trata da análise do livro *The Apocryphal Acts of Thomas* do autor Jan N. Bremmer (ed.), editora Leuven: Peeters, publicado em 2001 ainda sem tradução para o português. Evidentemente não há como tratar desse assunto sem analisar o próprio escrito apócrifo *Atos de Tomé (ATh)*. Pretende-se nessa breve análise descrever as considerações de um dos grandes estudiosos sobre apócrifos, cristianismo primitivo e sobre a obra *Tomasina*, a saber, Jan N. Bremmer e seus convidados. Outrossim recomendamos a todos sua leitura.

Palavras-chave: Apócrifos; Religião, Antiguidade.

Abstract

This work deals with the analysis of the book *The Apocryphal Acts of Thomas* by author Jan N. Bremmer (ed.), Publisher Leuven: Peeters, published in 2001. Evidently, there is no way to deal with this subject without analyzing the apocryphal writing *Atos de Tomé (ATh)*. This brief analysis intends to describe the considerations of one of the great scholars on apocrypha, primitive Christianity and on the work of *Thommas*, namely, Jan N. Bremmer and his guests. Furthermore, we recommend reading it to everyone.

Keywords: Apocryphal; Religion, Antiquity.

Resumen

Este trabajo trata del análisis del libro *The Apocryphal Acts of Thomas* del autor Jan N. Bremmer (ed.), Publisher Leuven: Peeters, publicado en 2001. Evidentemente no hay forma de abordar este tema sin analizar la escritura apócrifa *Atos de Tomé (ATh)*. Este breve análisis pretende describir las consideraciones de uno de los grandes estudiosos de los apócrifos, el cristianismo primitivo y de la obra *Tomasina*, a saber, Jan N. Bremmer y sus invitados. Además, recomendamos leerlo a todos.

Palabras llave: Apócrifo; Religión, Antigüedad.

Nos últimos anos o estudo e leitura dos evangelhos apócrifos tem crescido exponencialmente, basta ver a quantidade de artigos em revistas especializadas sobretudo em teologia e ciências da religião. O tema chama a atenção dos acadêmicos preocupados em cristianismo primitivo. Em especial, os *Atos de Tomé* é um dos textos mais polêmicos, mais estudados e ao mesmo tempo mais misteriosos, visto sua riqueza de mensagens que tem apaixonado e atraído diversos especialistas. É um dos livros que mais causa discordâncias entre os analistas.

Porém, ultimamente esse estudo ficou mais fácil. Após a queda do muro de Berlim, o contato com as universidades da Europa oriental aumentou e pode-se estudar de um modo novo o cristianismo primitivo. O acesso aos estudos clássicos da Lorent-Eotvos University of Budapest aos estudos teológicos da Karoli Gospear University jogaram certa luz ao mundo do academicismo produzido sobre o mundo do cristianismo primitivo. Isso porque no leste Europeu, pós-Concílio de Trento de São Pio V, no ano 1000, estava em uso no Reino da Hungria um rito próprio, o *rito de Esztergom* cujas raízes do rito são mais em Siríaco e Grego do que em Latim, embora sujeitos a Cúria Romana. Assim a aproximação dos textos era fácil aos teólogos e historiadores de Lorent-Eotvos, sobretudo sobre a vida e obra de Taciano.

O organizador do livro (BREMNER) tinha interesse na influência dos textos originais escritos em siríaco e os escritos de Taciano, o Assírio (escritor do cristianismo primitivo, gnóstico e um teólogo do século II d.C.). Os estudos dos evangelhos e dos atos de Tomé eram comuns na literatura siríaca a qual Taciano referenciava amiúde. Existem originais grego e siríaco dos atos de Tomé, porém Bremner atribui que o siríaco deva ser mais antigo, chega a afirmar que não é possível ler o texto grego sem o texto siríaco.

Antes de tratar sobre as considerações de Bremner, tratemos resumidamente do que trata esse apócrifo. Recomendamos a leitura da edição em espanhol para estudantes na obra *Los Hechos apócrifos de los Apóstoles, volumen II* (463) ISBN 978-84-220-1636-6. *Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), Madrid 2013* dos organizadores Antonio Piñero y Gonzalo del Cerro. A versão em português não agrada alguns biblistas que conhecem a tradução grega. Segundo alguns tradutores a versão brasileira decorre de tradução indireta do espanhol ou inglês não advindo do Siríaco e grego antigo.

Atos de Tomé são relatos das atitudes deste apóstolo. Datado do início do século III d.C. chegou até nós versões completas em siríaco e grego. Considerado apócrifo, o texto também foi classificado como gnóstico. Este texto não pode ser confundido com o Evangelho de Tomé. Ambos são apócrifos, no entanto a análise estilística (FERNANDES DE SANTANA 2018), bem como a diferença de tempo de escrita e descoberta (SANDERS, 1975) revela que são autores diferentes embora atribuídos ao apóstolo Tomé.

Atos de Tomé narra como os apóstolos repartiram por sorteio as diversas partes da terra para pregar as Boas Novas e a Tomé coube a Índia. A princípio ele havia, por causa da “fragilidade humana” (retratada no texto) recusado a fazer a viagem. Após uma aparição noturna, o Senhor Jesus insistira que ele fosse e mantendo sua recusa, vendeu como escravo Judas-Tomé ao comerciante Abbam (Abannes), que tinha sido enviado pelo rei hindu


Gundaphoor (ou Gundafor) para comprar um escravo carpinteiro. Contra sua vontade¹ é levado cativo até a Índia e entende que deve seguir sua missão, fazendo um paralelo com a vida de José e Jonas e tem êxito na conversão do Rei.

A Segunda Parte desenvolve-se na corte do rei Mis dai e tem como objetivo a conversão e à pregação da moderação de costumes. No seu entender a corte hindu era ostensiva em luxos e perdas em pecados de luxúria. Há um evidente choque cultural, uma vez que a sexualidade hindu, privada da moralidade judaico-cristã se desenvolve com mais liberdade (PATHAK, 2019). O costume judaico moralizante de Tomé, mais para o luxo que para o sexo, nesse livro, traz carregado em si o recato meso-oriental atípico no oriente hindu.

Aqui se desenvolve o *kerigma* - O conteúdo mais importante de uma mensagem de teor cristão - do livro, visto que, no final, todos da corte se convertem, até mesmo o rei Mis dai depois da morte do apóstolo. A conversão de um povo pagão, através do martírio do apóstolo de seu exemplo é a grande mensagem do livro.

O Livro narra uma mescla de milagres exuberantes, fatos fantásticos realizados por Tomé, milagres da natureza e histórias de demônios, de acordo com a narrativa da antiguidade.

Alguns exemplos narrativos:

1. Ressurreição de um homem picado por serpente.
2. Um jumento falante.
3. Exorcismo de uma mulher.
4. Ressurreição da mulher assassinada por seu amasio.
5. Essa mesma mulher tem uma visão dela no inferno – em siríaco *.proper* 
6. Siphor, capitão real, pede para Tomé exorcizar sua esposa e filha.
7. Mulas selvagens guiam Tomé até a família do capitão.

Esses e outros elementos fantásticos. Fragmentos litúrgicos, pregações do apóstolo, orações e hinos fazem parte deste livro. O autor serve de temas da literatura novelesca antiga e de motivos bíblicos para sua descrição simbólica da redenção. Um Exemplo disso está nos dois hinos: Da Noiva (1º Ato) e da Pérola (9º Ato).

Estrutura do Livro

James Robinson, na sua obra *The Apocryphal New Testament: The Acts of Thomas* (1924) sugeriu a seguinte estrutura:

1. Quando ele foi a Índia com Abbanes (mercador)
2. Estadia Sob o rei Gundaphorus
3. Sobre o Serviçal
4. Sobre o potro

¹ Não como não pensar aqui em outros relatos de heróis bíblicos tais como o Profeta Jonas, que recebera uma missão de Deus e recusando ir foi levado contra sua vontade ou sobre José do Egito, que foi vendido como escravo e prevaleceu em sua história.

5. Sobre o Dêmonio que Tomou o Corpo de Uma Mulher.
6. Sobre o Jovem que Assassinou uma Mulher.
7. Sobre o Capitão (Siphor)
8. Sobre os Jumentos (Mulas) Selvagens.
9. Sobre a Esposa de Charisius (Mygdonia)
10. Onde Mygdonia é Batizada
11. Sobre a Esposa de Misdaeus (Terthia)
12. Sobre Luzanes, o filho de Misdaeus
13. Onde Luzanes foi batizado com os demais
14. O Martirio de Tomé

Na sua estadia sob o rei Gundafor ele, sendo vendido por Jesus como um escravo carpinteiro para construir um palácio, recebe o dinheiro real e o distribui entre os pobres. Ao ser contraditado pelo rei sobre a construção do castelo, o apóstolo afirma que já construiu uma morada para ele. É ameaçado de morte pelo rei, o que salva o apóstolo, é a morte e consequente ressurreição do irmão do rei que afirmava que de fato havia um palácio a sua espera, no caso o palácio celestial. Bremmer e outros interpretam que tal comparativo é a crença firme do cristianismo primitivo em um paraíso como uma morada assim como é descrita em no evangelho de João capítulo 14 verso 2.

Bremmer dá um aviso importante ao neófito: diz que o texto tem que ser estudado segundo sua própria ética. É aceitável para a maioria dos estudiosos que os Atos de Tomé é um produto legítimo do cristianismo oriental. Compreender esse escrito há de se fazer uma análise histórica - antropológica dessa época e lugar. Bremmer não acredita que Tomé esteve na Índia. Ele sugere que o autor escolheu deliberadamente um país distante que teria cortes reais, o sistema de nobreza da Índia era bem diferente de reis e da nobreza descrita no livro. Muito do que se relata está mais de acordo com o relato de mercadores viajantes, do que acreditava ser a Índia, do que a realidade histórica da época.

Há uma influência gnóstica, o uso do termo GÊMEO ou DÍDIMO, tal como Tomé é reconhecido até na narrativa canônica. No caso, a pergunta histórica é: Gêmeo de quem? Tomé se declara gêmeo de Jesus. Não de sangue. Contudo, a narrativa deixa implícito, segundo Bremmer (p. 49), que aquele que for santo, ou seja, deixar o mundo da carne, pode-se tornar igual a Jesus.

Sellew (p.41) fala que a tradição de Tomé é uma que mais tem dividido os especialistas. A obra apócrifa tomasina é constituída do “evangelho de Tomé” de tradição gnóstica, do “livro de Tomé, o adversário”, que é um pouco gnóstico e um pouco de tradição do Qoelet de combate a sabedoria humana “grega”. Há uma verdadeira cristandade tomasina que divide os especialistas. No entanto, os pontos comuns são que há uma forte influência dos apócrifos de

Tomé no cristianismo sírio e que influencia os marcionistas (uma das Ramificações do cristianismo primitivo).

Hino da Pérola

Interessante é **O Hino da Pérola** (também chamado de **Hino da Alma**, **Hino da Veste de Glória** ou **Hino de Judas Tomé Apóstolo**) é uma passagem do apócrifo Atos de Tomé. Na qual o apóstolo Tomé canta o hino enquanto reza para si e para seus companheiros de prisão. Alguns estudiosos acreditam que o Hino é posterior aos Atos. O autor do Hino é desconhecido, embora acredite-se que ele foi composto pelo gnóstico sírio Bardesanes fundador do "bardesanismo" e um cientista, estudioso, astrólogo, filósofo e poeta, particularmente renomado por seus conhecimentos sobre Índia antiga.

Segundo Lenzi (1998) tendo sido educado em filosofia por um sacerdote de Hierápolis, posteriormente, por volta de 180, teria sido convertido ao cristianismo por um bispo de nome Hystasp, sendo depois expulso da igreja por Aqi, sucessor de Hystasp, devido a sua relutância em se conformar à dogmática oficial. Segundo Moisés de Khorene, Bardesanes percorreu a Armênia com a intenção de convertê-la ao cristianismo. Sem sucesso, retirou-se na solidão em um castelo-fortaleza chamado Anium, onde veio a falecer em 222.

O hino da Pérola foi inserido nos Atos de Tomé em diferentes lugares. Ele conta a história de um rapaz (filho do rei dos reis), que é enviado para o Egito para recuperar uma pérola de uma serpente. Durante esta missão ele é seduzido pelos egípcios que oferecem riquezas ao rapaz e esquece de sua origem e família. Mas ele recebe uma carta enviada pelo rei dos reis e relembra o seu passado.

Há dois manuscritos sobre esse hino, um Siríaco (séc. x d. C.) e um grego do primeiro séc. No siríaco o texto é precedido por um título: “O hino (madrasha) de Judas de Tomé, o Apóstolo, quando ele estava na Índia”. Sugere-se que esse hino não fora transmitido originalmente pelo manuscrito grego.

Na história, um menino ainda jovem fora enviado para longe de seus parentes reais. Quando ele saiu de casa, ele teve de deixar para trás não só o ambiente luxuoso e seguro do palácio real, mas também o manto dispendioso que lhe deu sua identidade principesca e dignidade. Um acordo foi feito com seus pais, que se ele foi bem sucedido em sua missão, as vestes seriam devolvidas a ele, e ele iria partilhar com seu irmão, a herança do Reino.

Ele é acompanhado por dois guias que o deixam no Egito. No bairro da serpente (dá entender que é o nome do bairro) ele a espera (a serpente) dormir para pegar a pérola. Ele havia se adaptado aos egípcios para não ser tratado como um estrangeiro e ter seus planos frustrados.

Embora ele se assemelha aos Egípcios, ele se esquece de seu plano e cai em um sono profundo. Quando as pessoas que o enviaram sabem que ele dormiu eles fazem uma carta e a mandam para ele. Ela vai voando e além de voar ela também podia falar. Quando ele lê a carta ele lembra-se de sua descendência real e o porquê estava no Egito. Ele lança então um feitiço sobre a serpente e pega a pérola e volta para casa. Lá ele recebe de volta sua roupa real. Quando ele vê o manto ele percebe que é como ele. Como ele tinha feito o que fora cobrado ele foi ricamente recompensado por seu pai.

Por haver uma probabilidade da história poética ter sido inserida depois, isso pode nos levar a estudá-la em separado. Porém o autor não o analisará assim.

Contexto do hino

Contexto gnóstico – Judas é apresentado como um professor gnóstico que apresenta verdades mais profundas, ideia esta divulgada pela escola alemã. Tem como defensores Günther Bornkamm e Werner Foerster. Seria mesmo um Apócrifo Gnóstico.

Assim sendo foram dadas duas interpretações gnósticas para o hino. A primeira interpretação é que a criança que foi enviada é a alma que sai do reino divino e vai para o mundo material escuro. Essa alma é envolvida pelas forças das trevas que só é despertada por uma revelação divina (momento em que recebe a carta). A veste que é vista representa a parte espiritual, pura da alma. A carta e o vestuário têm muito mais importância devido o número de ocorrência. Enquanto que a serpente e a pérola têm menos importância. Além do que, estas ficam em silêncio enquanto que a carta e o vestuário falam. A segunda interpretação é que a criança não seria uma alma, mas o redentor celestial que fora enviado ao mundo de trevas para resgatar a alma (pérola) das forças demoníacas. O estranho é que esse príncipe come das comidas dos egípcios e dorme, esquece de sua missão e precisa ser lembrado dela. A explicação seria a do mito do Redentor redimido.

Há, porém, a posição de que o hino não seja de origem gnóstica. Diz que nesses atos é feita referência às tradições bíblicas. A hipótese de Gerard P. Luttikhuizen é que os leitores desse Atos não gostariam de interpretá-los à luz do Gnosticismo uma vez que não há ali a salvação nos parâmetros do gnosticismo.

Contexto Tomasino – Nesse contexto vai se analisar o texto em conexão com outros escritos com o nome de Tomé como os livros de O evangelho de Tomé e O Livro de Tomé – o Adversário da coleção de Nag Hammadi. Porém, Luttikhuizen diz que esses tipos de comparação entre os estudiosos são não são bem aceitos. Tais características que se podem

fazer nos escritos gnósticos que envolvem o nome de Tomé podem ser achadas em outros escritos da antiguidade.

A antropologia helênica – Esse é o ponto principal para Luttkhuizen. O pensamento do mundo grego helenístico são os que mais influenciam. Particularmente em suas ideias antropológicas. O caráter dualista helênico se faz pertinente para explicar a imaginação poética do hino da pérola. Assim há uma oposição de viver uma sabedoria divina e outra terrena e helênica.

O apóstolo Judas Tomé em suas pregações e orações reivindica que a alma será salva e viverá para sempre. Ele se refere a ressurreição do corpo somente em uma passagem. Frequentemente é enfatizada a inutilidade do corpo. Este é apenas morada temporária da alma. O corpo envelhece e torna-se poeira. Com a libertação do corpo, a alma será restaurada ao estado em que estava antes de ser vestida pelo corpo.

A estreita divisão entre alma e corpo, a ideia da preexistência da alma e a imortalidade da alma e o desprezo do corpo como a temporalidade e perecibilidade da morada da alma são conceitos Platônicos que alguns segmentos do cristianismo incorporaram - por diversos grupos das principais correntes cristãs bem como do gnosticismo cristão.

É feita referência a tradição bíblica para enfatizar as paixões do corpo. A renúncia ao sexo se faz para se tornar imune aos truques do diabo. A tradição bíblica sobre a origem do mal, por exemplo, servia para avisar mais enfaticamente contra as necessidades e as paixões do corpo. Cada indivíduo é responsável por alcançar sua própria salvação e se livrar dos laços do diabo por sua renúncia sexual. Nessa questão Jesus é o modelo.

O hino como imaginação poética do ensino do apóstolo

Luttkhuizen diz que uma forma adequada para entender este texto poético foi – e ainda é – lê-lo como uma história coerente, provocando uma rede de alusões, por exemplo, para a dignidade da alma e para o perigo de perder essa dignidade e nobreza aqui na terra. Se tivermos em conta que o poema fala sobre um jovem garoto, também faz sentido ver o seu destino à luz da ideia filosófica grega que a alma é testada ou educada durante esta vida.

Como demonstraram os capítulos anteriores dos atos, o Apóstolo lembrou as pessoas da dignidade de sua alma e convidou-os a libertarem-se das paixões e desejos baixos que as impedem de recuperar sua verdadeira identidade espiritual. Ler desta forma, a história poética pode transmitir uma gama muito mais ampla de significados possíveis do que encará-la como uma alegoria elaborada.

Alguns estudiosos atribuíram a ele o Atos de Tomé, porém apesar de sérias diferenças entre as ideias de sua seita e a obra tomasina, há também certas semelhanças. Pode-se citar como exemplo de semelhança a negação do mundo físico e, a atitude de renúncia sexual. E como exemplo de discordância as ideias de Bardesanes no que se refere à ressurreição da carne.

A personalidade do apóstolo, tal como negação dos bens materiais, caridade e castidade exacerbada, era comum no cristianismo da síria antiga, porém Bremmer alerta (p.102) que não se pode simplificar as variedades de inúmeras igrejas da síria a um paradigma tomasino. É provável que os Atos de Tomé e o evangelho de Tomé tenham uma fonte em comum.

É ao apóstolo Tomé que é atribuído ser o primeiro interlocutor e porta-voz de Jesus, e, finalmente, sendo mergulhado nos seus mistérios divinos, é elevado a seu igual, ou seu gêmeo, portanto, seu representante na terra aos fiéis.

O demônio e a imoralidade sexual

Outro estudioso no livro de Bremmer, o Dr. Istvvan Czaches (p.95) examina uma parte bem descrita e notável do evangelho de Tomé quando um demônio ama uma mulher e a tortura até que Tomé, representado como o servo de Jesus, exorciza-a. Nessa narrativa há fortes elementos mitológicos e dualistas da luta do bem contra o mal. Há na versão em siríaco toda uma narrativa da história da humanidade do ponto de vista de Deus criador.

Há um dualismo do discurso do demônio em que ele usa referências do povo de Deus em oposição ao povo do demônio. O demônio tenta se colocar como bom, como se fosse um promotor da justiça divina, um executor do bem, pois ele tenta matar o rapaz uma vez que o rapaz tentou amar a mulher a força e no dia do senhor (sábado). O demônio se apresenta como destrutivo, mas também um zeloso e amoroso amante.

O demônio é representado como senhor desse mundo e causa dos desejos sexuais impuros das mulheres. Ele mesmo critica os desejos e as fragilidades carnis da mulher, sua amante. Assim o desejo sexual é do demônio e a castidade é de Deus. Interessante é narrativa que diz a mulher ter encontrado o demônio em seu banho, o banho público era a fonte do mal e duramente criticado pelo cristianismo antigo, mas é um costume persa milenar, altamente criticado pelos cristãos por considerarem uma imoralidade homens e mulheres nus e juntos. Apresentar esse local como pertencente ao demônio é uma narrativa que critica os costumes do mundo, e um costume tanto persa como hindu. Há também um ponto provável de disputa de

campo religioso: na Índia é comum os banhos para Shiva e na Pérsia antiga as oblações no Mazdeísmo, tradição tão forte que se mantém no Islamismo meso-oriental.

Nessa narrativa é descrito um conflito de uma mulher manter ou não manter sua virgindade, que é um conflito muito mais social do que espiritual, pois tem que manter a honra da sua família paterna. Faz-se um paralelo com o livro de Tobias e até com atos dos apóstolos 16:16 onde o demônio identifica os apóstolos como servos de Deus. O dualismo é muito presente, a figura de ferir os dois jovens, e seu sangramento, sendo comparado ao rio Tigre, ao queimar os órgãos do peixe, para expulsar o demônio, deve-se fazer um comparativo com o símbolo de Cristo e remete ao livro de Tobias no capítulo 6². No caso o símbolo de Cristo é o peixe, antigo símbolo de reconhecimento cristão, a queima dos órgãos é o martírio de Cristo que salva.

O rei é a figura chave em toda narrativa, famílias, reinos e clãs desempenham o mesmo papel em toda a narrativa é o mundo, que jaz no maligno enquanto que a santidade é conseguida através da renúncia sexual, colocando assim em risco o próprio conceito de família, de herança, de reinos.

No centro da trama encontramos também princesas, meninas bonitas, e as mulheres. Eles representam o sexo oposto, e estão associados a valores culturais, bem como o psicológico recurso de personalidade frágil portadoras da sedução e do pecado, porém são as primeiras a se salvarem por aceitar a mensagem do apóstolo.

A partir desta perspectiva complexa, os personagens de nossas histórias desempenham o papel de diferentes fatores de um processo psicológico orgânico. A repetição circular de tramas e subtramas, por outro lado, oferece diferentes abordagens para o problema último: que é recuperar a integridade da personalidade. Esta integridade é mais bem expressa pela morada celeste, que Tomé mostra para o rei no segundo ato.

Para entender a narrativa da noite do demônio, temos de entender o contexto de possessão, na perspectiva que ela acontece, esta história significa os aspectos morais e sexuais do aspecto psicológico mais básico segundo as escolas jungiana e freudiana. Essa análise é do estudioso István Czachesz que faz uma interpretação psicológica da representação que o

² Ele gritou e o anjo lhe disse: “Agarra o peixe e não o deixes fugir!” Tobias dominou o peixe e o arrastou para a beirada. ⁴O anjo acrescentou: “Abre o peixe, tira-lhe o fel, o coração e o fígado; guarda-os e joga fora os intestinos. O fel, o coração e o fígado são remédios úteis”. ⁵O jovem abriu o peixe, tirou-lhe o fel, o coração e o fígado. Assou uma parte do peixe e comeu-a, e guardou o resto depois de o ter salgado. Depois continuaram ambos a caminhada até chegarem perto da Média. ⁶Então Tobias perguntou ao anjo: “Azarias, meu irmão, que remédio há no coração, no fígado e no fel do peixe?” ⁷Respondeu ele: “Queima-se o coração ou o fígado do peixe diante de um homem ou de uma mulher atormentados por um demônio ou por um espírito mau, e a fumaça faz cessar todo ataque contra eles e não restará nenhum vestígio. ⁸O fel serve para untar os olhos de quem tem manchas brancas: soprando sobre as manchas, ele ficará curado”. Tobias 6:3-8.

general tem sobre os símbolos, o general representa o poder consciente moral, as jovens o poder inconsciente, o dragão negro representa a nossa capacidade de não controlar essas forças. O apóstolo se apresenta como o controlador de forças. Nessa parte a segunda mulher também amada pelo demônio tem a capacidade de ir para o inferno e segundo essa interpretação lá tem a oportunidade de testemunhar várias representações do lado mau da psique humana. Ao conhecer esse lado mau rejeita-os e volta para a terra por intercessão do apóstolo (p.49).

Nesse sentido a pureza é representada pela pureza sexual. O casamento do jovem casal é impedido precisamente pela figura do Salvador, que é o único esposo legítimo. A moral, social e religiosa desses 'demônios' nessas narrativas são todos superados por uma única e mesma pessoa: Cristo. Nas diversas tentativas de reintegração do self, encontramos um personagem comum, a figura coletiva do Salvador.

A. Huhorst (p.53) vai analisar o capítulo referente a construção do palácio celestial, e o caso de Gad (Gadhi) irmão do rei, é continuamente referenciado no cristianismo sírio da idade média em Jacob of Sarug bem depois por Vincent of Beauvais e Jacobus de Voragine, escritores cristãos da baixa idade média. Esse autor vai apresentar que a caridade piedosa e a caridade não era algo separado da cultura do cristianismo primitivo, apesar de ter pouca importância no mundo greco-romano, é uma grande obrigação no Judaísmo precoce e cristianismo (p.55).

Outro ponto importante é destacado: uma morada celestial, não o templo de Deus, judaico como algumas interpretações teológicas, mas a ideia que o senso comum tem de paraíso e que este é acessível as pessoas. O interessante é que tal ideia só veio a ser popularizada na reforma e contrarreforma. Antes era quase inexistente no cristianismo eclesiástico. A ida para o Céu dependia unicamente da vontade de Deus e dos papas, não era algo acessível a todos que criam e seguiam a mensagem pregada.

Janos Bolyki analisa o conceito de santidade através da renúncia e que o corpo corruptível é para ser negado e, ao mesmo tempo é para ser colocado ao serviço da incorruptibilidade. A natureza pecaminosa e corruptível do corpo é particularmente manifesta em três aspectos: a paixão com a sexualidade, depravação e poder.

A respeito a sexualidade no sentido o texto traz a noção de *enkrateia*. *Enkrateia* vem do grego e significa "em poder (de si)" em oposição a *akrasia* que significa falta de poder (sobre si), falta de autocontrole, agir em discordância com a melhor opção percebida. No caso a castidade em oposição a depravação, que não é só sexual, mas pode estar ligada também a comida, bebida (Tomé insta e reza para comermos apenas pão e sal e beber apenas água). Riqueza e fama são coisas ilusórias que levam ao pecado. Beber apenas água era um martírio

per si. Riqueza é um desperdício, uma vez que deve ser distribuída entre os pobres a busca por riqueza afastaria de Deus. Fama é a epitome da vaidade

Os sonhos têm um papel preponderante na narrativa, é através dele que Deus se comunica com os homens. As revelações de Deus são reconhecidas através de sonhos também se aproximando com interpretação, segundo Bremmer gnóstica, mas não é novidade na tradição judaico-cristã (José, Jacó, Joel e atos 2).

Imoralidade humana

A vida sexual e produzir filhos ímpios de alguma forma estava ligado ao inimigo de Deus. O apóstolo tenta persuadir as pessoas a mudarem sua aliança com o diabo: uma aliança que é percebida na vida sexual, nos prazeres e em paixões. São incentivados a viverem uma vida totalmente espiritual. Este seria o verdadeiro propósito de Deus para a sua criação.

A presente situação dos seres humanos é vista como resultado da ilusão do diabo. Está mais de acordo com a história da queda do ser humano contada no gênesis. A serpente no gênesis não é vista de boa forma. Para o gnosticismo a serpente, ao contrário, é vista de forma favorável. O gnosticismo que não aceita a história do gênesis pois faz diferenciação entre o Deus supremo e o Deus demiurgo (o Deus do AT diferente do NT).

Em Atos de Tomé, Jesus Cristo é mencionado como aquele que foi proclamado nas Escrituras. A referência que Ath das “as escrituras” e a afirmação de que Jesus Cristo foi proclamado nas escrituras testemunham para uma alta estima do texto bíblico. Esta percepção é evidentemente muito mais de acordo com a ênfase dada à continuidade dos dois testamentos no emergente cristianismo do que com a atitude crítica do antigo testamento expressa pelo gnosticismo.

É dado ainda uma ênfase na encarnação e nos sofrimentos físicos de Jesus. É enfatizado que Jesus nasceu e que fora criado como uma criança, foi morto e enterrado. Fala-se de sua humilhação antes e durante sua crucificação. Na versão grega longa, Judas Tomé agradece a Jesus ter morrido, pois assim, ele (o apóstolo) pode viver para sempre. Fala da ressurreição e morte de Jesus. A conclusão é que o conto da pérola citado por Judas de Tomé não representa um escrito gnóstico. É mais um poema didático.

A Serpente em Atos de Tomé

Na história da Serpente, Tamás Adamik menciona R. Merkelbach que lembra que em tempos primitivos, a matança de dragões foi executada como um drama de culto.

Nessa história da serpente (ATm. 32,33) existem quatro protagonistas: Tomé (o irmão gêmeo de Cristo), a serpente (o filho do mal), o jovem bonito e a mulher bonita. E também há um coro: os seguidores de Tomé, entre eles o rei e seu irmão.

Há sempre um motivo que é a origem do conflito que assegura a coesão da trama em um drama. Nesta passagem, este motivo é beleza. Segundo Platão (250 Phaedrus, 2008), beleza atrai tudo para si, ou seja, é a fonte e a causa de tentação. Não muito longe da estrada, colocar o cadáver de um jovem gracioso aparece como uma tentação ao apóstolo. A mulher, também, era linda, e tanto, que o jovem e a serpente se apaixonaram por ela.

A homossexualidade e a necrofilia retratada nesse capítulo explicam o porquê ser um apócrifo. Apócrifos são livros que descrevem pontos bíblicos, mas que a maioria das igrejas cristãs consideram ilegítimos. Nos primórdios do cristianismo existiam, por exemplo, mais de 80 evangelhos que narravam a vida e a doutrina de Jesus de Nazaré, de sua família e de seus discípulos. Deles, mais tarde, apenas quatro foram considerados pela Igreja como inspirados, ou canônicos. Os outros foram considerados apócrifos, ou não autênticos. A decisão oficial da Igreja sobre os quatro evangelhos foi tomada no Concílio de Nicéia no ano 325, graças a um milagre, como se conta na obra *Lybelus Syndicus*. O milagre foi que, de todos os evangelhos presentes na Igreja, apenas quatro levantaram voo e se colocaram sobre o altar.

O jovem bonito e a mulher bonita que foram atraídos um pelo outro a ponto de fazerem sexo. A serpente apaixonou-se por ela à primeira vista. A serpente, como o filho do mal, é invejoso e ciumento e mata o jovem por ciúmes. Os verdadeiros protagonistas do drama são Tomé e a serpente. A serpente é o mal, que mata; Tomé é o bem, que revive.

Mas a explicação pode ser bem menos pitoresca, é que o apóstolo amaria o jovem além da vida em uma atitude espiritual, nada tendo de homossexualidade ou necrofilia.

Em seu enredo, há uma inversão: o jovem matou revive, morre o assassino da serpente. Mas há um reconhecimento, bem como: os seguidores de Tomé reconhecem que Deus é mais forte que o mal. Trabalho do mal é a morte, mas vida pertence a Deus.

Tomé na Índia

Lourens P. Van Den Bosch diz que desde tempos antigos, o Apóstolo Tomé ocupou um lugar importante na imaginação do cristianismo na Índia, que se reflete em muitas tradições locais no sul da Índia. Ele é considerado como o discípulo que pregou o evangelho do subcontinente indiano e converteu muitos cristãos na costa do Malabar. De acordo com narrativas locais, ele mudou suas atividades missionárias posteriormente para a costa de Coromandel, onde ele entregou sua vida como um mártir. Ele encontrou seu último lugar de

descanso perto de uma cidade chamada Mylapore (Madrás), onde um santuário foi construído, que foi redescoberto pelos portugueses no início do século XVI. Uma igreja foi erguida para abrigar os restos do Apóstolo, que foi ampliada em 1893 e hoje em dia é conhecida como a catedral católica romana San Thome em Madras.

Os ossos do santo na igreja funcionam como evidências simbólicas da origem apostólica do cristianismo no sul da Índia e testemunham como se fosse a sua antiguidade. Assim, até este dia, o cristianismo Tomasino do Sul Índia assegura firmemente que sua igreja é fundada diretamente pelo apóstolo e que Tomé que trouxera o evangelho para eles.

Contudo não há provas suficientes para corroborar a hipótese de que o Apóstolo, na verdade, foi para a Índia. Tudo é fruto da imaginação do autor.

Atos de Tomé, provavelmente escrito em siríaco, mas traduzido quase instantaneamente ou pouco depois para o grego. A atividade do apóstolo na Índia é trazida nos dois manuscritos de uma forma mais romântica. E segundo estudiosos o autor usou de uma rica imaginação ao compor a história de Tomé na Índia.

O autor de ATH, portanto, pode ter usado existente conhecimento local da Índia a fim de construir sua história lendária do frame da viagem de Thomas para a Índia. Ainda fatos e ficções, misturavam-se para realizar os objetivos que o autor provavelmente tinha em mente, ou seja, a base da alegação de que não só a Pártia, mas também a Índia era o domínio exclusivo das atividades missionárias de Tomé. Ele sugeriu, assim, que com suas missões para a Índia o Apóstolo Tomé tinha pregado o Evangelho até os confins da terra conhecida daquela época.

O lugar onde foi escrito parece ser uma preocupação base do livro de Bremmer. Inicialmente assumia-se a possibilidade de ATH ter sido escrito em Edessa (quase na divisa da Grécia com a Macedônia), mas pode ter sido escrito em Partia (nordeste do Irã) – os estudiosos têm uma concordância tradicional em acreditar que Tomé esteve em Partia. Alguns eruditos como Orígenes 2 (c. 185-255), Eusébio de Cesareia 3 (c. 265-346), Rufino de Aquiléia 4 (345-410) e Sócrates V (c. 380-450), apenas referem o apostolado de Tomé em Partia na era da dinastia dos Arsácidas (GRAFTO & WILLIAMS 2006). Quando e onde foi escrito? Quem escreveu? Essas simples questões não são fáceis de serem respondidas embora seja uma questão primordial da obra de Bremmer.

Há uma forte tradição católica, os nativos de Malabar, ou povo *sírio Nasrani Malabar*) é um grupo etnoreligioso de Kerala, Índia, grupo católico aparentemente autóctone, pois quando os primeiros missionários chegaram nas navegações travaram contato com eles, tornaram cristãos na costa do Malabar nos primórdios da fé cristã, incluindo nativos da região e os da diáspora judaica em Querala (THEKEPARAMPIL, 1998). São conhecidos como “cristãos de

São Tomé” por supostamente terem sido, segundo conta a tradição, evangelizados diretamente pelo apóstolo Tomé naquele local. Esse grupo relata a vida do apóstolo na Índia como verdade absoluta. Apoiam a vinda desse apóstolo no local, e sua missão evangelizadora e seu martírio, porém a exceção do martírio, as narrativas dos nativos em nada coincidem com os ATh.

De fato, no século XVI, os padres portugueses que chegaram à região disseram ter descoberto a cripta do santo, suas relíquias e, inclusive, um pedaço de uma das lanças, com as quais fora morto, com o sangue do apóstolo coagulado (THOMAZ, 1991). Acrescente-se a isto que todos os antigos martirólogos mencionam a ida de Tomé à Índia, sua pregação e seu martírio, transpassado por lanças empunhadas por hindus. Porém é pouco provável que ele tivesse ido à Índia. Provavelmente o cristianismo tenha chegado através dos partos embora não hegemonicamente, mas como uma religião secundária. O relato dos padres é mais plausível de ser uma forja de prova de ubiquidade divina e demonstrar o poder de Deus que realidade histórica de fato.

É provável que quem escreveu imaginara um país místico distante cujo imaginário se encontrava na mente do oriente médio como encantador e cheio de mistérios, uma prova disso é que as descrições políticas sobre a Índia no texto apócrifo remetiam a uma estrutura extinta há pelo menos 70 anos antes de Cristo (fim do império Maurya e crise dos Andaras). A estrutura de vários reis na Índia só iria surgir novamente no séc. VI d.C. Um forte argumento de que não foi escrito na Índia é que a esse país estava em crise após o esfacelamento do império Sunga em guerra contra os indo-gregos, os sátrapas ocidentais (indo-citas) e os indo-partos (partos). Não havia reis nessa fase do império. Estavam unificados sob o comando do chefe militar Heinjanur. Embora pudessem resistir aos avanços dos seus inimigos (os Andharas dispunham talvez das forças armadas mais poderosas da época na Ásia), os conflitos com os impérios constituídos pelos invasores do noroeste terminaram por enfraquecê-los até que, em cerca de 220 d.C, a dinastia extinguiu-se.

Alguns tópicos nos mostram um modo oriental de se viver, tal como a estrutura social apresentada no texto, são indicativos de um texto não judeu, nem grego. É considerado um elo importante entre maniqueísmo e gnosticismo (p.91). No entanto é mais um texto de estilística Parta que Hindu (MCGRATH, 2008). Por exemplo logo ao começo do texto há uma saudação típica do meso-oriente:

ܠܗܘܐ ܠܗܘܐ
 ܠܗܘܐ ܠܗܘܐ
 ܠܗܘܐ ܠܗܘܐ
 ܠܗܘܐ ܠܗܘܐ

Em uma tradução do siríaco livre seria:
para Tomé paz
Em nome (ou paz?) De Cristo
Descanse até a ressurreição (ou vinda)
de Deus

Se pegarmos o *Uspanishads*, um escrito hindu, por exemplo a saudação vem ao final e o estilo é muito mais poético ao passo que o estilo meso-oriental é mais prosaico:

“O Eu que sou não é diferente do Eu de todos os outros seres e, portanto não há, de fato, outro. Se não há realmente um outro, qual a razão do medo? Sou capaz de ver a mim mesmo em todos os seres, em todo o universo. Ó deus Agni. A vós oferecemos nossas saudações, uma e outra vez e outra vez.

Antes de atribuir a narrativa ao apóstolo Tomé, a maior parte dos estudiosos diz que foi escrita em Edessa, e tem uma forte influência do filósofo Bardaisan (Bardesanes) a qual inclusive foi atribuído. Várias opiniões já se formaram sobre a doutrina verdadeira de Bardesanes. Já foi descrita como uma forma do valencianismo, a forma mais popular do gnosticismo. Porém, o termo "espírito" é feminino em siríaco, Bardesanes supostamente tinha visões pouco ortodoxas sobre a Trindade. Nesse sentido haveria um Espírito Santo feminino e não masculino. O que depõe contra sobre a teoria dele ter sido o autor desse livro, embora não seja descartada a hipótese de que ele é autor do Hino da Pérola. Há uma forte teoria do hino da perola ter sido uma colagem no texto pois está em página separada de papiro.

Os Inícios do Cristianismo na Índia

Uma reconstrução do cristianismo no subcontinente indiano, nos primeiros cinco séculos fornece-nos com a seguinte imagem esquemática. Pequenas comunidades cristãs podem ter sido fundadas por missionários dos sírios e a região da Mesopotâmia ao longo da costa noroeste da Índia, como consequência do comércio ativo entre o Golfo Pérsico e da região do Sindh. Comunidades similares provavelmente foram fundadas por missionários egípcios no comércio de cidades ao longo do Malabar e a costa de Coromandel.

Em consequência, o comércio ao longo das rotas de mar entre o sul da Índia e o mar vermelho caiu acentuadamente no início do terceiro século. Assim, as comunidades cristãs no sul da Índia tornaram-se corte de sua igreja mãe em Alexandria e reorientar-se para a região mesopotâmica e persa, com suas tradições existentes de Tomé.

Marco Polo (1989) visitou algumas partes do Ceilão e na costa de Malabar, durante sua passagem da China para a Itália em 1293, mas não foi em peregrinação ao santuário. Seu relatório é bastante incoerente e funciona da seguinte forma: “o corpo de St. Tomé situa-se na província de Malabar, numa pequena cidade. Existem poucos habitantes e comerciantes que

não visitam o lugar. É um ótimo lugar de peregrinação para os cristãos e sarracenos. Os sarracenos deste país têm muita fé no apóstolo e declaram que ele era um sarraceno e um grande profeta e chamam de *aviarun*, quer dizer "homem santo".

A tradição do lugar de enterro de Tomé em algum lugar no Reino de Malabar combina o com o costume da Igreja Síria do Oriente para conectar o apostolado de Tomé com todos os lugares onde está a igreja, na imaginação de seus seguidores, tinha sido influente em um momento ou outro e até fazer que ele (Tomé) pregue na China. A descrição mais antiga na literatura portuguesa do “túmulo indiano” de Tomé deve-se a Duarte Barbosa e foi escrita por volta de 1516 (ALBUQUERQUE, 1985). Outro informante Português que escreveu sobre a existência da tumba de São Tomé em Mylapore foi Diego Fernandes (CORREIA, 1975). Em uma carta de 1517, ele relatou que tinha descoberto o túmulo do Apóstolo e ocasionou um inquérito oficial pelo rei português em 1533, no qual ele também funcionava como a principal testemunha. Ele afirmou que seu testemunho foi baseado nas informações ele tinha reunido desde os mais antigos habitantes de Mylapore: brâmanes e as outras pessoas.

Conclusão

É um texto apaixonante. Quanto ao evangelho de Tomé, todos estudiosos estão cientes de que o autor produziu uma obra de arte, e não uma obra teológica. Ele foi capaz de dar uma "representação simbólica" de salvação. O palácio divino, a renúncia sexual, o domínio do demônio sobre o mundo e o vencer em Cristo constroem uma narrativa cheia de símbolos e significados ocultos e gnósticos que levam a salvação.

A tese principal do ATh é a existência de um incorruptível reino dos céus e uma vida corrupta na terra, tal opinião não segue bem a forma do gnosticismo como outros apócrifos – o autor vai dar o nome de morpho-cristianismo. Há uma profunda influência das ideias de Taciano, que é uma daquelas personalidades da antiguidade cristã que estão cercadas por uma barreira de escuridão intransponível, ante qualquer esforço. Nascido no oriente – se não na Assíria ao menos na Síria – Taciano provavelmente converteu-se ao Cristianismo em Roma, por meio do esforço de Justino, que desta feita ensinava na cidade imperial. Após o martírio de Justino, por volta de 165 d.C., Taciano fundou seu próprio centro de ensino. Em tal centro era valorizada a *enkratéia*, que significa domínio sobre si e sobre a paixão dos corpos. De acordo com os ideais deste grupo, os cristãos de verdade deveriam ser contidos no que se refere à prática sexual e à ingestão de alimentos. Porém, não é completamente provável que ele seja autor do ATh visto não haver aceitação da eucaristia e batismo nessa seita, o que também demonstra uma forte influência de antigo cristianismo Sírio.

É um texto que sem dúvida influenciou o cristianismo primitivo, o gnosticismo e várias outras seitas. É provavelmente o texto apócrifo que mais tenha influenciado o cristianismo Hindu.

Referências

ALBUQUERQUE, L, Livro do que viu e ouviu no Oriente, relatos de Duarte Barbosa, II Seminário Internacional de História Indo-Português – Memórias. Lisboa, 1985.

BREMMER, Jan N. *The Apocryphal Acts: Authors, Place, Time and Readership. The Apocryphal Act of Thomas.* Leuven: Peeters, 2001.

CORREIA, Gaspar, *Lendas da Índia*, Vol.I, Lenda de 18 Anos, desde o primeiro descobrimento da Índia até o Anno de 1510 e Vol. II, Lenda de 17 Anos Acabados no Anno de 1526, Introdução e Revisão de ALMEIDA, M. Lopes, Lello & Irmãos, Porto. 1975.

LENZI, Giovanni. *Il vangelo di Giovanni: secondo l'antica versione siríaca.* Reggio Emilia: Edizionisan Lorenzo, 1998

FERNANDES DE SANTANA, W. K. *Teologia em foco: réplicas linguístico-axiológico-discursivas de Jesus ao ceticismo judaico no primeiro século da era cristã.* *INTERAÇÕES*, v. 13, n. 24, p. 375-390, 31 dez. 2018.

GRAFTON, Anthony; WILLIAMS, Megan. *Christianity and the transformation of the book: Origen, Eusebius, and the Library of Caesarea.* Cambridge: Harvard University Press, 2006.

MCGRATH, James F. *History and Fiction in the Acts of Thomas: The State of the Question,* *Journal for the Study of the Pseudepigrapha* pp. 297-311 disponível em http://digitalcommons.butler.edu/facsch_papers/6 , 2008. acesso em 08/03/2021

PATHAK, Hari Priya, *Hinduism and Women Religious Beliefs and Practices* (June 30, 2019). *RAIS CONFERENCE PROCEEDINGS - The 13th International RAIS Conference on Social Sciences and Humanities*, Available at SSRN: <https://ssrn.com/abstract=3434115> or <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.3434115> 2019

PLATO, *Phaedrus*, trans. by Alexander Nehamas and Paul Woodruff. From *Plato: Complete Works*, ed. by John M. Cooper. 2008

POLO, Marco. *Viagens de Marco Polo.* Tradução de N. Meira. São Paulo: Clube do livro, 1989.

SANDERS, J. A. *Palestinian Manuscripts, 1947–1972.* in F. M. Cross and S. Talmon, eds., *Qumran and the History of the Biblical Texts* Cambridge University press. 1975.

THEKEPARAMPIL, Jacob. *Vestiges of East Syriac Christianity in India.* IN: Jingjiao. *The Church of the East in China and Central Asia*, edited by Roman Malek. Sankt Augustin: Institut Monumenta Serica, 1998.

THOMAZ, Luís Filipe. *A Carta que mandaram os padres da Índia, da China e da Magna China: um relato siríaco da chegada dos portugueses ao Malabar e seu primeiro encontro com a hierarquia cristã local.* IN: *Separata da Revista da Universidade de Coimbra*, Vol XXXVI. 1991.